

Pinheiro: Ações Formativas em Relações Públicas para um Bairro que Afunda

LEITE, Sandra Nunes¹

SILVA, Joyce Lys Freire Feijó²

¹ Professora do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/UFAL; snl@reitoria.ufal.br

² Aluna do Curso de Relações Públicas/UFAL, líder do Grupo Comunica Pinheiro.

INTRODUÇÃO

Pinheiro é um bairro localizado na parte alta da cidade de Maceió. Até o início do ano de 2018 tudo parecia bem, mas a ocorrência de fortes chuvas evidenciaram o movimento das suas áreas subterrâneas. Em março do mesmo ano foi sentido abalo sísmico significativo para a localidade que passou a contar com fissuras, trincas e rachaduras em edificações, ruas e passeios. Isso ocasionou interdição em certas unidades habitacionais e inquietações, angústias e incertezas na população. Ficou evidenciado o risco de afundamento do Pinheiro. Uma população de quase vinte mil moradores, dispostos em duas mil unidades habitacionais, e cerca de setenta pequenos empresários ficaram sem respostas para suas perguntas. O Ministério Público entra em cena e recebe um relatório do Serviço Geológico do Brasil apontando o risco de desastre extremo devido a significativas cavidades no solo e subsolo. Uma possível causa se refere à atividade de mineração do Sal-gema que ocorre desde meados da década 1970. Os questionamentos da população aumentam e o silêncio institucional permanece, dando lugar às especulações e comentários que circulam nas redes digitais. A Defesa Civil realiza simulação de desastre extremo, o que angustia ainda mais os moradores e empresários locais. O curso de Relações Públicas é chamado para compor Grupo de Trabalho (pesquisadores) formado majoritariamente por engenheiros, geólogos, geógrafos e meteorologistas. Nasceu nossa proposta de envolver os alunos para contribuir em suas formações e no desenvolvimento de ações de comprometimento social.

OBJETIVO

Apresentar os primeiros passos de um projeto de intervenção social no desenho e articulação do arranjo institucional alagoano para a comunicação de prevenção ou alertas de desastres extremos.

METODOLOGIA

A situação do Bairro do Pinheiro, , foi considerada como oportunidade de atuação e de aprendizagem a ser oferecida aos alunos do curso de Relações Públicas. Seguimos a proposição de metodologias ativas, uma vez que se busca estimular a autonomia intelectual dos estudantes

na construção conjunta dos conhecimentos a partir da interação com os problemas de estudo. Pensamos no modo de aprendizagem por elaboração de projetos e também de sala de aula invertida. Consideramos três turmas do curso dispostos numa única “sala de aula”. São alunos do terceiro, do quinto e oitavo períodos, constituindo um grupo de trabalho das Relações Públicas em assuntos comunicacionais do Pinheiro.

PRIMEIROS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhos foram iniciados com 15 alunos que realizam observações de campo. Houve participação na reunião do GT-Pinheiro e no Seminário organizado pelo Ministério Público, com a participação de 31 organizações atuantes na cidade as quais representaram instituições de pesquisa, órgãos do governo, associações, entidades de classe, empresas. A simulação promovida pela Defesa Civil foi acompanhada pela equipe que também esteve na “caminhada pelo Pinheiro”, organizada por instituições religiosas de diferentes credos. Estabeleceram-se diálogos com moradores e frequentadores do Bairro. Em sala de aula ocorreram debates confrontando teorias já estudadas com a situação do Pinheiro e das organizações que compõem a rede de relações mobilizada pelo problema. O grupo decidiu elaborar mapeamento de informações: produzidas pelas organizações; que circularam nas redes sociais. Tomou-se como observável: página eletrônica das organizações diretamente envolvidas com a questão; “conversas” do Bairro; informações nos grupos de *WhatsApp*; notícias sobre o problema, de fevereiro/2018 a fevereiro/2019. Foi identificado o silêncio dos órgãos públicos, dando lugar às “especulações” que se espalharam no Bairro. Esse silêncio diante de questões muito críticas desencadeou crises que renderam às organizações descrédito por parte da população do Pinheiro. Como bem diz Jonh Cage (citado por FUKS, 1991, p. 17 e por ROGOSKI; SANTOS, 2013, p. 622), “Nenhum som teme o silêncio que o extingue. E nenhum silêncio existe que não esteja grávido de sons”.

Diante de questões críticas e sinais de crises organizacionais instaladas, foram propostos: criação de Observatório; interação com os cursos de Psicologia e de Engenharia de Agrimensura e com o Radar Meteorológico; projeto de criação do arranjo institucional para a comunicação de prevenção ou alertas de desastres extremos.

PALAVRAS-CHAVE

Relações Públicas. Arranjo institucional. Comunicação. Desastre extremo. Silêncio.

REFERÊNCIAS

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROGOSKI, Larissa Couto; SANTOS, Gledinélcio Silva. **Sobre o silêncio (musical)**: Jonh Cage e a proposta de uma nova música para novos ouvidos. In: Anais do simpósio de estética e filosofia da música – SEFIM/UFRGS, Porto Alegre, v.1, n.1, 2013, p. 622-625.